RESENHA BIBLIOGRÁFICA (1)

FÉVRIER (James G.). — **Histoire de l'écriture**. Payot. París. 1948. 608 pp., 135 figuras e 16 pranchas.

Com êste volume pretende o A. "apresentar um quadro claro, completo e atual da história das diversas escritas", pois nos últimos cinqüenta anos — desde a publicação de Philippe Berger, **Histoire de l'Écriture dans l'Antiquité**, — muitas descobertas se têm verificado neste campo, porém, nenhum outro livro se publicou em França sôbre o assunto.

Devidamente credenciado para tal — como Diretor de Estudos da Escola Prática de Altos Estudos — o sr. James G. Février nos apresenta um trabalho interessante e útil, elaborado a partir de um plano claro e lógico. Esboçada a sua teoria da origem e evolução da escrita, distribui, agrupando-as, segundo pertençam à mesma etapa de evolução, as várias escritas, desde as mais remotas, às mais recentes formas.

Assim, no capítulo I temos um estudo do nascimento da escrita, e das quatro etapas através das quais, segundo o A., se processou a sua evolução: das formas embrionárias às fonéticas, passando pela escrita de idéias, a princípio sintética e depois analítica. E com isto pretende o A. ter demonstrado a inexatidão da teoria de Van Ginneken, da anterioridade da linguagem escrita em relação à linguagem falada. Completa êste capítulo um apanhado geral dos meios de expressão.

No capítulo II estudam-se as escritas mnemotécnicas e sintéticas, isto é, as duas primeiras fases daquela evolução: as formas embrionárias autônomas e a escrita de idéias (sintética). Inclui-se o processo de passagem desta última fase para a seguinte, a fase analítica, ou escrita de palavras, que representa um grande progresso na história da escrita.

Reservou-se o III capítulo às escritas da América — maia e azteca — não só porque elas representam um estado intermediário entre a segunda e a terceira etapa da evolução, mas ainda pelo interêsse que apresentam, pois, além de constituirem um problema de escrita ainda não totalmente resolvido, sofreram a influência perturbadora da escrita latina introduzida na América pelos espanhóis.

Constitui o IV capítulo a terceira etapa de evolução: as grandes escritas analíticas ou ideográficas, sua longa e interessante história. Aqui se estudam as escritas chinesa, coreana, anamita, japonesa, as várias escritas cuneiformes (entre as quais as acadeanas ou assírio-babilônicas), cuja evolução conduziu ao fonetismo, e ainda as escritas hieroglíficas, como a egípcia e a meroítica.

O V capítulo compreende ainda escritas ideográficas, restringindo-se, porém, apenas às que ainda não foram decifradas, como a cretense, a proto-indiana e a da ilha da Páscoa (Polinésia). Sem pretender apresentar um catálogo, o A. procura, por meio de alguns exemplos, estudar a natureza dessas escritas e seus principais problemas.

O problema focalizado pelo VI capítulo é mais complexo: o A. procura separar as escritas ideográficas das silábicas, mas acrescenta que se trata apenas de uma cadeia, em que só os extremos são nítidos (a chinesa de um lado e a

(1). — **Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica.**

cipriota de outro). Segue-se a análise do problema hitita, do cuneiforme paleopersa, e do silabário cipriota.

No VII capítulo temos as escritas consonânticas semíticas, desde o seu nascimento, estudado nos principais documentos; a seguir uma análise das hipóteses sôbre a origem do alfabeto fenício, um estudo sôbre êste alfabeto e sôbre os alfabetos arameanos, incluindo o hebraico. Estuda-se ainda aqui o alfabeto nabateano, o palmiriano, o nascimento das escritas arameanas orientais, os alfabetos siríacos, a escrita mandeana e o alfabeto árabe, seu histórico e evolução. Incluem-se ainda os alfabetos sul-semíticos e as escritas da Ásia central, notadamente a escrita **pehlevi**, o alfabeto avéstico (**zenda**), a escrita sogdiana, a escrita dita maniquéia, a arameana e o mundo uralo-altaico, o alfabeto ouigour, a escrita mongol, a siberiana e as runas húngaras.

O assunto do VIII capítulo é o neossilabismo. Primeiramente o neossilabismo indiano, analisado em suas origens e mecanismos; seguem os vários tipos de escritas setentrionais, centrais e meridionais da Índia, as ditas **pali**, e, enfim, o material de escrita indiano. Encerra o capítulo um apanhado do silabismo etiópico.

O capítulo IX é dedicado ao alfabeto grego, seus principais caracteres, os alfabetos locais, a adaptação da escrita fenícia, o problema da origem, da forma das letras, da época, dos nomes das letras, enfim, a evolução do alfabeto grego, concluindo com um estudo dos alfabetos epicóricos.

Os alfabetos saídos do grego — o gótico, o copta, o armênio, o georgiano, o albano e os vários alfabetos eslavos — constituem a matéria do X capítulo.

Por sua vez, os alfabetos etruscos e itálicos são estudados no capítulo XI, onde o A. apresenta um histórico dos trabalhos de decifração do alfabeto etrusco, ao lado dos vários tipos de escrita etrusca e dos principais alfabetos itálicos, como o messapiano, o sículo, o picentino, o osco, o úmbrio e o falisco. Exclui-se o latino, que será objeto de estudo no capítulo seguinte.

O XII capítulo aborda inicialmente o estudo da origem do alfabeto latino e o dos nomes das letras. Em seguida passa o A. a um confrônto dos alfabetos latino e etrusco, ao exame do material de escrita latino, e, enfim, à evolução da escrita latina. Como resultado desta evolução surgem as escritas ditas nacionais: merovíngia, visigótica, lombarda, irlandesa. E, acompanhando esta evolução aparecem: a minúscula, as abreviaturas latinas, as notas tironianas, as taquigrafias (italianas e francas), a taquigrafia italiana recente e outras mais; a escrita quebrada ou gótica, a escrita humanística, e, afinal, a imprensa.

Dedica-se o XIII capítulo ao estudo das **runas** e do **ogam**. Trata-se de um estudo explicativo da escrita usada pelas tribos germânicas antes de sua conversão ao cristianismo (**runas**) e da escrita original da Irlanda meridional e do País de Gales (**ogam**).

A partir do XIV capítulo, o autor apresenta alguns apanhados gerais. Neste, temos a análise das escritas imitadas, refeitas ou contaminadas, pois, no dizer do A., a maioria das escritas ideográficas e fonéticas até aqui estudadas foram determinadas por uma influência exterior. Destacam-se dois grupos principais, o primeiro constituido de tipos de escrita concebidos por primitivos ou missionários, sob modêlo ou sob influência de uma escrita fonética já evolvida; o segundo consta de de tipos elaborados por técnicos, de acôrdo com métodos rigorosos, para atender necessidades especiais. Dentre as escritas dêste tipo destaca-se a estenografia.

O capítulo seguinte, XV, encerra o volume e contém as conclusões do A., sob o título "As escritas fonéticas e a romanização" .Não se limita, porém, o A. a abordar os princípais problemas decorrentes desta evolução (como o problema do sistema ortográfico), mas apresenta, um por um, os vários problemas suscitados em todo o mundo pela romanização. E', talvez, o capítulo mais interessante, principalmente pelo fato de oferecer um panorama claro da influência da escrita romana entre os mais diversos povos.

Seguem-se três apêndices: a decifração das escritas desconhecidas (I), os sinais de numeração (II) e Alfabeto em magia (III), todos de largo interêsse, quer para historiadores, lingüistas ou sociólogos.

Servida de ampla bibliografia geral e especializada, que o autor distribui criteriosamente pelos capítulos, orientando, assim, o interessado, a "História da Escrita" do Sr. James G. Février se torna um volume indispensável à estante de todos os estudiosos.

EDITH PIMENTEL PINTO

CERAM, (C. W.). — **Götter, Gräber und Gelehrte**, Rowohlt Verlag, Hamburg, 1951, 494 págs..

Bem merecido foi o sucesso encontrado pelo livro de Ceram, **Götter, Gräber und Gelehrte** ("Deuses, túmulos e eruditos"), que alcançou a cifra de 106.000 exemplares entre novembro de 1949 e março de 1951, continuando ainda a ser reimpresso após esta data. Trata-se de um trabalho original, uma vez que, apesar da existência de publicações semelhantes relativas a pesquisas bastante localizadas (como Pompéia, por exemplo), não temos conhecimento de nenhum outro autor que, como Ceram, tenha conseguido apresentar aspectos de um ramo para nós tão árido para ser estudado — em virtude da distância em que se encontram os centros de excavações — como a arqueologia, sob forma tão agradável sem que, por isto, fôsse negligenciada a seriedade científica, indispensável para que os volumes desta espécie não corram o risco de integrar-se em certo tipo de duvidosa divulgação cultural, tão perigosa para os incautos que a ela recorrem. Aqui, não. Verifica-se, a todo o instante, a familiaridade do autor com as obras dos arqueólogos cujas pesquisas constituem o assunto do volume em questão, traço, aliás, para o qual a nossa atenção é expressamente chamada, logo no princípio da introdução (pág. 14). "Romance da arqueologia", foi o sub-título que Ceram escolheu para a sua obra, "romance no sentido barroco, na medida em que, dentro do mais antigo sentido romântico (de maneira alguma contrariando a realidade), trata-se da narração de acontecimentos e de desenvolvimento de vidas" (pág. 14). "Romance dos arqueólogos", diríamos nós, dada a vivacidade com que são tratadas as atividades de aventureiros e de cientistas que dedicaram suas existências ao estudo das civilizações perdidas. Schliemann, êste aventureiro dotado de invejáveis dotes, domina tôda a primeira parte do trabalho, de tal modo que sua personalidade lança sombra sôbre o próprio mundo helênico e pré-helênico por êle explorado. E compreende-se que o A. tenha principiado por Schliemann, que tão grande base fornecia para algumas considerações a respeito do valor do dilletantismo. Num capítulo especial, intitulado "Schliemann e a ciência", lemos as dificuldades que o mundo científico "profissional" opôs à aceitação da obra de um amador, ainda que de um amador excepcional, e Ceram, após transcrever uma famosa passagem em que Schopenhauer versou o mesmo assunto, não esconde a sua simpatia pelos diletantes (págs. 67. 232). Encerrando a primeira parte do volume temos um capítulo a respeito das pesquisas de Evans em Creta, sendo de notar-se, aqui, a preocupação do A. em estar sempre em dia com a disciplina de que trata. Fornece-nos um seguro indício dêste traço a passagem em que há ampla referência à publicação, feita em julho de 1950, da notícia segundo a qual o Prof. Sittig, da Universidade de Tübingen (cujos trabalhos Altheim comparou aos de Champollion e Grotefend), descobrira os meios que permitem sejam lidos os textos cretenses escritos em linear B. Passamos, a seguir, à segunda parte, intitulada "O livro das pirâmides" e cujas primeiras páginas, excelentes, aliás, tratam novamente de um aventureiro: Dominique Vivant Demon, "homem mundano, inclinado às mulheres, diletante em tôdas as artes" e ao qual, com a sua **Description de l'Egypte** (1809-1813) deveria caber o mérito de fundar a egiptologia. O papel dos franceses é posto em destaque, mormente dos que trabalharam no Instituto Egípcio e, evidentemente, de Champollion, cuja obra dá margem a um dos mais interessantes capítulos do livro em questão. A egiptologia foi o campo ao qual se atiraram, dum ou doutro modo, pessoas procedentes dos mais